



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



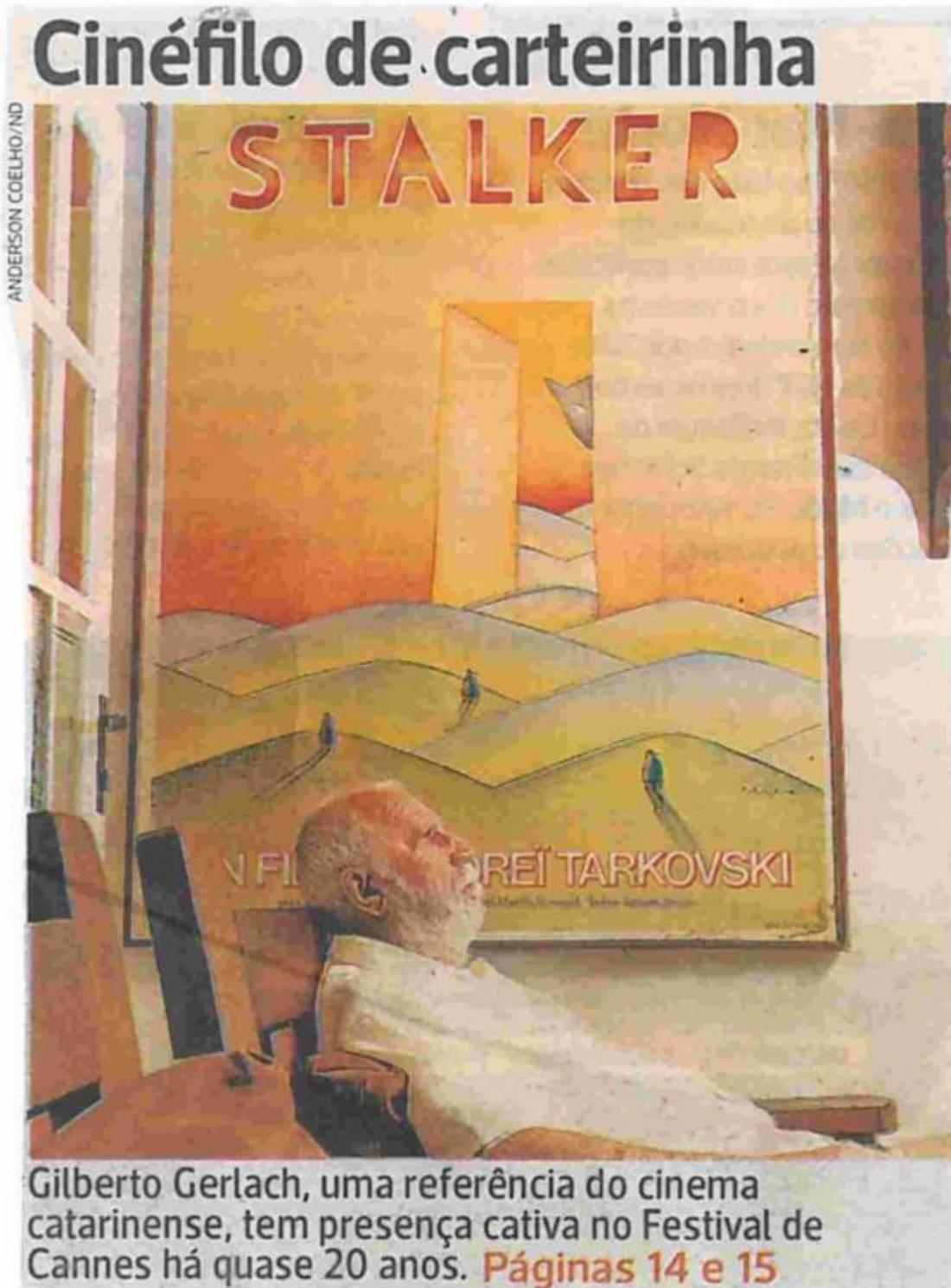
Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

25 e 26 de janeiro de 2020

Notícias do Dia
Capa e Perfil

“Histórias de um cinéfilo de carteirinha”

Histórias de um cinéfilo de carteirinha / Gilberto Gerlach / Cinema
catarinense / Cineclubismo / Curso de Engenharia / UFSC / Universidade
Federal de Santa Catarina



O catarinense **Gilberto Gerlach** frequenta há quase 20 anos o **Festival de Cannes**, na França, onde já conheceu os atores **Clint Eastwood** e Elizabeth Taylor e o diretor japonês **Akira Kurosawa**

Histórias de um cinéfilo de carteirinha

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
Especial para o ND

Muitos são os que gostam de cinema, mas dá para contar nos dedos quantos já apertaram as mãos de Elizabeth Taylor, trocaram palavras com Clint Eastwood ou sentaram numa fila de poltronas onde estavam nomes cruciais da Nouvelle Vague. O melhor mês do ano para Gilberto Gerlach, cineclubista, cinéfilo, escritor e pesquisador, é maio, quando se muda para a Europa, com a mulher Carmen Lúcia, e desfruta as maravilhas do Festival de Cannes, onde tem presença cativa há quase duas décadas.

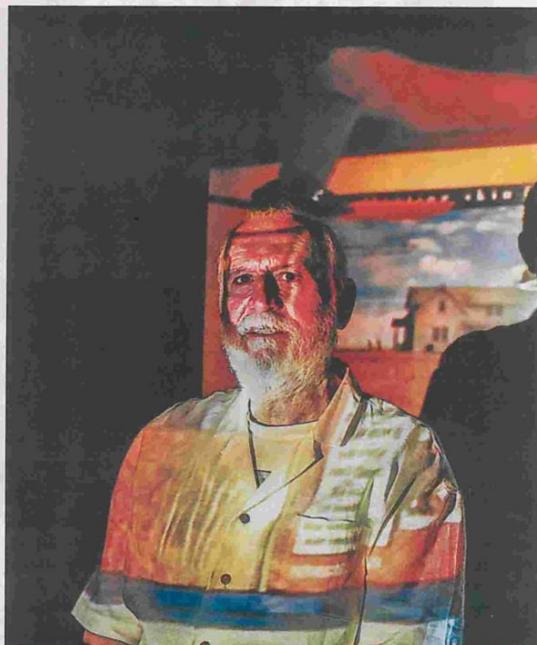
Membro da Academia Catarinense de Letras, Gilberto Gerlach é autor de livros importantes como "São José da Terra Firme" (2007), "Desterro" (2010), "Ilha de Santa Catarina - Florianópolis" (2015) e "Colônia Blumenau no Sul do Brasil" (2019). No segundo semestre deste ano, vai lançar "Memórias de um Cineclube", no qual mostrará todo o seu vínculo com o cinema, em particular o cineclubismo, que começou há quase 52 anos, em 1968.

Em abril, o Theatro Adolpho Mello será reaberto, ocasião em que Gilberto pretende fazer o relançamento do livro "São José", com atualizações, e exibir um documentário que mostra a história do município natal entre 1750 e 1950. O filme tem duração de 45 minutos e a edição é de seu sobrinho Tim Gerlach. Em fevereiro de 2021, Gerlach vai levar o documen-

tário "Colônia Blumenau no Sul do Brasil" para o Festival de Berlim.

Citando o filme "Feios, Sujos e Malvados", de Ettore Scola, Gerlach diz que "o cinema me ensinou a compreender a vida e o mundo".

Casa de Gerlach, em São José, é recheada de referências a clássicos do cinema mundial



GILBERTO GERLACH Escritor e cinéfilo

Você é um homem umbilicalmente ligado ao cinema, como cinéfilo inveterado e cineclubista. Onde nasceu esse apego à chamada sétima arte?

Vivo nesse meio desde os oito anos, e acho que o cinema está no sangue, porque tive um tio-avô, Arthur von Gerlach, que foi diretor de teatro em Viena, na Áustria, na década de 1910, e cineasta na Alemanha. Ele estudou cinema em Berlim e fez dois filmes mudos, "Vanina oder Die Galgenhochzeit" (Vanina), em 1922, e "Zur Chronik von Grieshuus" (A Crônica da Casa Cinzenta), em 1925. Neste último, filmado entre 1922 e 1923, teve como assistente de direção ninguém menos que Alfred Hitchcock. Em sua fase inglesa, Hitch, como é chamado, não escondeu as influências que teve do expressionismo alemão.

Você praticamente introduziu o cineclubismo em Florianópolis. Fale desse pioneirismo.

Desde cedo, em São José, junto com o historiador Osni Machado e outras pessoas, discutíamos cinema e projetávamos cenas de forma amadora. O ano de 1968 foi muito importante: recebi da distribuidora Polifilmes, de São Paulo, uma relação de mais de 200 películas de arte em 35 milímetros e senti que precisava



Nas viagens que faço, vejo que a Europa produz muita coisa boa que não chega aqui e nem está na internet. Quando chegar aos 80, daqui a quatro anos, vou só ver filmes".

criar um cineclube para ter acesso ilimitado a essa produção. O primeiro clube de cinema que criei foi no curso de engenharia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Depois, com o pintor Rodrigo de Haro, passei a exibir filmes na casa de seu pai, o também pintor Martinho, na rua Altamiro Guimarães. Aí comecei a atuar no Theatro Adolpho Mello, em São José - época em que o jornal "O Estado" nos dava páginas inteiras para divulgar os filmes em cartaz.

Mas você também exibiu filmes em outros espaços da cidade...

Uma boa experiência foi a do cine Jalisco, no Estreito. Em 1979, recebi uma carta da Polifilmes oferecendo 11 longas metragens do japonês Akira Kurosawa, com cópias de 35 milímetros. Não

consegui exibi-los no cine Roxy, no Centro da cidade, porque as salas da rede de Jorge Daux estavam sendo vendidas para o empresário Mário Santos, de Lages. No Estreito, o Jalisco só exibia filmes pornográficos, mas arrisquei e dei sorte: aluguei as cópias e a sala e nenhum dos filmes deu prejuízo. Depois fiquei dois anos no Theatro Adolpho Mello, usei o auditório da Biblioteca Pública do Estado e em 1984 surgiu a possibilidade de abrir o cineclube Nossa Senhora do Desterro no CIC (Centro Integrado de Cultura), na Trindade. Isso era necessário, porque 98% dos frequentadores do cinema de São José eram de moradores da Ilha.

Muita gente sente falta do cineclube no CIC. Sua saída de lá foi um tanto traumática.

Fiquei doente quando me tiraram de lá, depois de 25 anos de trabalho. Foi uma grosseria do superintendente, que me chamou e deu uma semana para tirarmos todos os equipamentos da sala. O Estado não gastava um centavo, porque tudo era coberto pela bilheteria. Passávamos 50 filmes por semestre, com um clube de sócios e ingressos bem acessíveis. Em 1998 construí o Cine York, no centro histórico de São José, que



FOTOS ANDERSON COELHO/ND



As pessoas [na Europa] passam a vida vendo filmes, misturados com conversa e boa comida. Em Cannes, faz-se amizades até nas filas para as sessões dos filmes em cartaz”.

O que mais lhe dá prazer durante as semanas que passa em Cannes?

O festival é uma loucura! São duas semanas intensas, vendo filmes e palestras e conversando sobre cinema das 7h às 24h. Ali fiz amizade com a moradora de uma pequena cidade da Borgonha que faz parte de um cineclubes onde, após cada sessão mensal, os 200 sócios organizam um jantar com a culinária do país onde o filme se passa – e com a presença do diretor. A Europa está cheia desse tipo de iniciativa. As pessoas passam a vida vendo filmes, misturados com conversa e boa comida. Em Cannes, faz-se amizades até nas filas para as sessões dos filmes em cartaz. Um casal que conhecemos vai a todos os festivais europeus (Berlim, San Sebastian, Veneza, Cannes) e publica resenhas dos filmes numa revista que mantém na França.

Quais foram os grandes momentos nesses quase 20 anos de presença no festival?

Lembro de ter conversado com Akira Kurosawa e Clint Eastwood e ter apertado a mão de Elizabeth Taylor. Já participei, a convite da presidência do festival, de um almoço com o pessoal do júri da mostra principal perto de um pequeno castelo na parte antiga de Cannes, onde estavam figuras como Isabelle Huppert e

Mick Jagger. E vi velhos cineastas da Nouvelle Vague francesas sentados na mesma fila, numa sala de exibição, rindo e falando animadamente como se fossem diretores em início de carreira.

Quais são seus filmes e cineastas preferidos?

Os filmes é difícil citar, porque são muitos, mas meus grandes diretores são Luis Buñuel, Kurosawa, Hitchcock, Bergman, Ford, Renoir, Max Ophuls, Sacha Guitry, os italianos Scola, Fellini, Pasolini e Visconti e os japoneses Yasujiro Ozu e Kenji Mizoguchi.

Tirando o cinema, do que você mais gosta?

Gosto muito de futebol. Acho que é uma higiene mental, uma válvula de escape para deixar um pouco o cinema de lado. Assisto, escuto e leio sobre o assunto, embora não tenha um time do coração.

O que você está planejando no momento?

Um dos planos é abrir uma pequena sala no Centro de Florianópolis, quem sabe na sede da Academia Catarinense de Letras, oferecendo uma opção de bons filmes para o público mais jovem e oxigenando aquele espaço. Nas viagens que faço, vejo que a Europa produz muita coisa boa que não chega aqui e nem está na internet. Quando chegar aos 80, daqui a quatro anos, vou só ver filmes – tenho 1.500 DVDs, incluindo os clássicos do expressionismo e muitos faroestes das décadas de 1940 e 1950. Antes ainda quero atualizar e relançar o livro “Desterro”, porque nos últimos dez anos descobri muitas coisas novas sobre Florianópolis.

durou dez anos e fazia referência a uma sala com o mesmo nome que funcionou a partir de 1925 – era, então, o melhor cinema da região. São José tem tradição nessa área, porque em 1910 o frei Domingos Schmitz já exibia filmes na Liga Josephense.

Você ajudou a salvar o Teatro Adolpho Mello, o mais antigo do Estado (inaugurado em 1856) e o segundo do Brasil. Como foi isso?

Em 1979, fechado havia dois anos, o teatro foi colocado à venda pelo município. Nasci ali ao lado, e acharam que eu devia fazer alguma coisa para evitar o pior. Apelei para um amigo, Constâncio Krummel, que era assessor do governador Jorge Konder Bornhausen. Por decreto, o governador tomou o teatro de utilidade pública, me pediu para fechar as portas da casa e ficar com a chave. Naquele ano estava sendo criada a Fundação Catarinense de Cultura, e fui lá pedir recursos para a casa de espetáculos. Não havia dinheiro, mas conseguimos manter o prédio de pé.

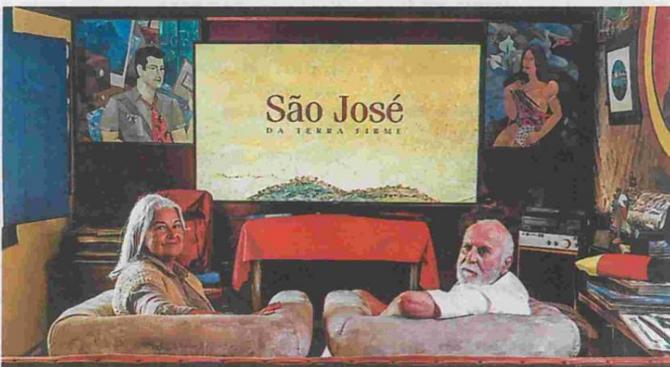
Você é um frequentador assíduo do Festival de Cannes, onde conhece atores, produtores, diretores e amantes do cinema.



Vi velhos cineastas da Nouvelle Vague francesas sentados na mesma fila, numa sala de exibição, rindo e falando animadamente como se fossem diretores em início de carreira”.

Fale dessa experiência.

Todos os anos vou a Cannes, e também visito Lisboa, Paris e Toulouse. É a oportunidade de ver filmes interessantíssimos e documentários que não chegam aqui. Faço isso desde 2001, após ter sido convidado, como cineclubista, pelo filho do chefe do festival, Laurent Jacob. A cidade francesa sedia o melhor festival de cinema do mundo. A parte que mais gosto é a sessão de recuperação de filmes antigos, que tem acesso gratuito e é muito disputado por todos os presentes. Ali é possível, por exemplo, ver uma palestra de Martin Scorsese, que criou um fundo para a recuperação de filmes e sempre aparece para falar do assunto. Um dos filmes já restaurados é “Limite”, do brasileiro Mário Peixoto.



São José da Terra Firme, livro de Gerlach que conta a história da cidade entre 1750 e 1950, virou filme que será levado para o Festival de Berlim; na foto, o cinefilo está ao lado de sua mulher, Carmen Lúcia

Notícias do Dia Laudelino José Sardá "Uma cidade em descompasso"

Uma cidade em descompasso / Arquiteto / Felipe Gama D'Éça / professor / UFSC

LAUDELINO
JOSÉ SARDÁ

.lj.sarda@unisul.br



UMA CIDADE EM DESCOMPASSO

Na Ilha dos casos raros a memória falha enquanto o serviço público desaparece. Como diz Mário Quintana, "o pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isso". Se lembramos que em 1918 o governo do Estado foi convencido pelo oligarquismo a desistir do projeto de uma avenida contornando a Ilha, e que hoje vivemos engarrafados por todos os lados, concluiremos, com imaginação e ironia, que Floriano e Moreira César, além de assassinares 178 pessoas em Anhatomirim, espalharam sonífero pela cidade. Floripa não é pensada e nem planejada, e a maioria das soluções nasce de fantasias e de improvisos. O arquiteto Felipe Gama D'Éça, professor da UFSC, foi alcunhado de desajuizado ao apresentar um planejamento para a Ilha do novo século. Sem dúvida, Floripa, pelo menos, estaria hoje organizada.

Há pouco mais de 15 anos, indagou-se a um ex-prefeito, para onde caminhava a cidade. A resposta, salivada de sarcasmo, exibiu o grau de complexidade: "só Deus sabe". Enquanto isso, Balneário Camboriú amplia suas atrações bem além das praias, com oceanário, zoológico, museus e agora contrata uma equipe de arquitetos para organizar a ocupação e o desenvolvimento social e econômico de todo o município.

O IpuF (Instituto de Planejamento Urbano de Floripa), criado em 1977 para organizar o crescimento da Capital, vive mergulhado na sonolência de uma cidade em descompasso, sob os efeitos neutralizantes do espírito oligárquico, que contamina a Ilha pela "Lei de Gerson". Da mesma forma, a Comcap, seis anos mais idosa, assemelha-se a uma senhora sedentária, carcomida pelo tempo e desmandos do poder público. Limita-se a coletar cerca de 800 toneladas de lixo por dia, que Biguaçu ameaça não mais admitir em seu aterro sanitário.

Quem sabe Gean promova o casamento dessas idosas organizações, atribuindo-lhes a missão de planejar e modernizar a cidade. Cabe sim uma aliança, uma fusão, para que IpuF e Comcap fujam de suas tocas e evitem as tocaias que o futuro lhes reserva. É urgente eliminar papéis específicos quando o serviço público precisa ser lipoaspirado. IpuF e Comcap unificadas têm know-how para fazer a diferença. O lixo pode ser terceirizado, mas o futuro da Ilha, não!

Há pouco mais de
15 anos, indagou-se
a um ex-prefeito,
para onde
caminhava a cidade.
A resposta, salivada
de sarcasmo,
exibiu o grau de
complexidade:
"só Deus sabe".

DC Revista e AN Revista
Moacir Pereira
"Desleixo na UFSC"

Desleixo na UFSC / Conselho Universitário / Ubaldo Cesar Balthazar / Reitor
/ Corregedoria Geral da União / Banheiros



DESLEIXO NA UFSC

O Conselho Universitário da UFSC promoveu sessão extraordinária por convocação do reitor Ubaldo Balthazar, punido com suspensão de 10 dias, em processo disciplinar da Corregedoria Geral da União. A sala do conselho está no térreo do prédio da Reitoria, ao lado do auditório.

Anexo, os banheiros estão em situação lastimável. Portas quebradas e pichadas, interiores destruídos, instalações com problemas, enfim, um cenário pavoroso, como mostra a foto acima. Difícil entender como professores, servidores e estudantes, todos conselheiros, convivem com aquela imundice.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

25/01/2020

[Governo Federal autoriza o cultivo comercial de macroalgas em Santa Catarina](#)

[Desleixo na UFSC](#)

[Previsão do tempo para os dias 25 e 26 de janeiro de 2020](#)

[Governo libera R\\$ 2,2 milhões para ruas e avenidas de Cianorte](#)

[Umuarama recebe R\\$ 15 milhões para asfalto e recape de vias](#)

[Florianópolis mais próxima da meta Lixo Zero 2030](#)

[Notas de corte de medicina no SiSU 2020 após 4º dia de inscrições](#)

[Cineasta catarinense Gilberto Gerlach frequenta o Festival de Cannes há quase 20 anos](#)

[Nota de corte do SiSU 2020 para medicina após 5º dia de inscrições](#)

26/01/2020

[Cultivo comercial de macroalgas em Santa Catarina é autorizado pelo Ibama](#)

[Catarinense cria método para purificar o ar utilizando ozônio](#)

[Governo Federal autoriza o cultivo comercial de macroalgas em Santa Catarina](#)

[Mobilidade urbana: onde estamos e para onde estamos indo](#)

[Novo código ambiental do RS é aprovado sem passar pela Comissão de Meio Ambiente](#)